

— Em dez anos, gastos com gasolina e etanol crescem quase 50%, mais do que com a alimentação

# Aumento dos combustíveis aperta mais o orçamento

RENÉE PEREIRA

O aumento do preço da gasolina, do diesel e do gás de cozinha, anunciado na quinta-feira pela Petrobras, vai apertar ainda mais o cinto de quem achava ser impossível fazer novos furos. Até porque esse reajuste vem depois de uma grande sequência de altas – só a gasolina já havia subido 43,57% de janeiro do ano passado até antes da nova mudança.

Para os profissionais autônomos que dependem dos combustíveis para trabalhar, a escalada tem significado queda constante na renda e na qualidade de vida. Além de ganhar menos, alguns dobram a carga horária na tentativa de manter as contas em dia. Em casa, os hábitos também estão mudando. As famílias voltaram a economizar em alguns produtos supérfluos e jantares fora de casa. Esse quadro é resultado de uma renda disponível – depois do pagamento de despesas essenciais – cada vez mais achatada pela inflação e desemprego altos. Nessa equação, os gastos com combustíveis têm sido um dos vilões que mais corroem a renda da população brasileira.

Levantamento da Tendências Consultoria Integrada mostra que, nos últimos dez anos, as despesas das famílias com combustíveis (gasolina e etanol) cresceram quase 50% – maior do que o avanço dos



**Dinheiro curto**  
Escalada dos preços significa para muitos profissionais autônomos queda constante na renda e na qualidade de vida

gastos com alimentos.

“No ano passado, 3,9% da renda total foi para gastos com combustíveis. Parece pouco, mas isso tem um efeito relevante no orçamento das famílias”, diz Lucas Assis, economista da Tendências responsável pelo trabalho. Trata-se do maior patamar, pelo menos, desde 2008. Em 2020, esse percentual estava em 3% e, em 2019, antes da pandemia, em 3,2%.

**CENÁRIO RUIM.** E esse quadro tende a ficar pior. Segundo cálculos da GO Associados, se fosse para repassar todo o aumento do petróleo no mercado internacional, o preço da gasolina já estaria acima de R\$ 10. “Esta não é uma crise temporária, e sim uma mudança de regime no comércio internacional de energia”, diz o sócio da consultoria, Gesner Oliveira.

Para ele, não adianta pensar em congelamento de preço, cujo custo é gigantesco. É preciso pensar em pacote com medidas para enfrentar essa crise, como amortecimento das oscilações de pre-

ços, compensação para grupos vulneráveis e aceleração da transição energética.

O quadro complicado da economia brasileira, agravado pela pandemia da covid-19, já fez o percentual de renda disponível da população cair de 43,03% para 36,36% em dez anos. É o pior resultado, pelo menos, desde 2008. Só no ano passado, o brasileiro perdeu algo em torno de R\$ 100 bilhões de renda disponível. Na prática, isso significa que a sociedade poderia ter gastado esse montante a mais se a renda não tivesse encolhido.

“Essa queda tem feito o brasileiro trabalhar mais”, diz o presidente da Associação de Motoristas de Aplicativos, Eduardo Lima de Souza. Segundo ele, hoje os profissionais autônomos estão tendo de trabalhar de 12 a 14 horas por dia. Antes esse tempo era de 6 a 8 horas. “Alguns aplicativos limitam o tempo de trabalho, mas o motorista desliga um e liga o outro. Ainda assim, trabalha mais e não consegue pagar as contas.” ●



ARQUIVO PESSOAL



**Decisão é qual conta pagar no mês**

Alexandre Pizolli  
Caminhoneiro

Na estrada há 16 anos, o caminhoneiro Alexandre Pizolli, de 46 anos, diz nunca ter vivido uma situação tão difícil financeiramente como agora. Todo fim de mês a história se repete: “Como a renda não dá para pagar tudo, preciso escolher quais despesas quitar e quais posso atrasar”. A estratégia tem sido manter em dia todas as contas relacionadas à manutenção e compra do caminhão para não perder a renda. “Se ficar inadimplente com qualquer empresa, não consigo nenhum frete e não tenho nenhuma remuneração”, diz ele, que ainda tem 22 parcelas de R\$ 3 mil do caminhão.

Nas contas de casa, o exercício é diário. Os gastos são pagos à conta-gotas. A fatura do cartão de crédito,

por exemplo, foi dividida em 10 vezes de R\$ 500 e, ainda assim, Pizolli teve seu nome negativado. “Minha história é a de milhares de outros motoristas que também estão inadimplentes na praça por causa da deterioração da renda.”

Ele conta que, quando começou a trabalhar nas estradas, sobrava cerca de 60% do frete no fim do mês. Ao longo dos anos, com o aumento sobretudo do diesel, esse percentual caiu para algo em torno de 40% e já está chegando a 30% com as últimas movimentações do preço do petróleo. “Como o autônomo consegue sobreviver numa situação dessas?”, questiona.

O caminhoneiro diz que, às vezes, pensa em deixar a profissão e procurar emprego em outra área – ele é formado em logística. “Mas ainda tenho muitas parcelas do caminhão para quitar e, se for trabalhar no mercado, não vou conseguir bancar essa despesa.” ●



**Veículo:** Impresso -> Jornal -> Jornal O Estado de S. Paulo

**Seção:** A Fundo **Caderno:** A e B **Página:** 36,37, 1